

DO ALFABETO E DO DICIONÁRIO: AS GRANDEZAS POÉTICAS DO MÚLTIPLO

Késia Oliveira (UFMG)¹

Resumo: De *Sagração do alfabeto*, 2009, de Leonor Scliar-Cabral, a *A verdadeira história do alfabeto e alguns verbetes de um dicionário*, 2012, de Noemi Jaffe, a letra constitui um acervo de possibilidades poéticas e narrativas. Ao conceberem a letra como uma unidade mínima de sentido, as escritoras se inscrevem numa tradição de autores que veem no micro, as grandezas do múltiplo. Scliar-Cabral extrai do alfabeto hebraico inúmeras reverberações líricas, transformando letra em poesia, escandindo o sentido do único ao ampliar as conotações das letras. Jaffe, por sua vez, em prosa, redefine o significado da noção de história ao propor para cada letra do alfabeto latino uma inusitada linearidade. Esta comunicação tratará de analisar esses dois percursos literários da Literatura Brasileira no contexto das atualidades judaicas contemporâneas.

Palavras-chave: Alfabeto; dicionário; poesia; multiplicidade.

Falar com aqueles que se encontram nas Índias, falar com aqueles que ainda não nasceram e só nascerão dentro de mil ou 10 mil anos? E com que facilidade? Com as várias junções de vinte pequenos caracteres num pedaço de papel.

(Galileu Galilei)

O alfabeto ou o abecedário é, numa língua escrita, o conjunto limitado de sinais gráficos (letras ou caracteres) que são usados combinadamente para representar as palavras. Quando Galileu Galileu afirma que a junção dos elementos que formam o alfabeto, mesmo após milhares de anos, pode fazer com que um texto possa falar e ser ouvido, ele deixa entrever a vitalidade de um texto através dos tempos.

Para Eduardo Frieiro, em *Os livros, nossos amigos* (2007), sem o alfabeto, não poderíamos conceber a cultura ocidental (FRIEIRO, 2007, p. 185) e a letras, para alguns povos, seriam sagradas. A afirmação de Frieiro aponta para a invenção do alfabeto como um fato decisivo na história da civilização, sobretudo, porque a partir da criação do alfabeto foi possível narrar os feitos humanos e transmitir, para o futuro, suas realizações.

¹ Doutoranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (Pós-Lit/UFMG). Contato: kesia@ufmg.br.

Na arte contemporânea, o alfabeto e as letras que o constituem se apresentam como metáforas das possibilidades poéticas e narrativas do texto se engendrar e de transcender ao seu próprio tempo. A partir de uma abordagem lúdica das letras, por exemplo, Paul Valery, em *Alfabeto* (2009), propõe uma série de prosas poéticas cuja primeira palavra começa com uma letra do alfabeto. Roland Barthes, ao estudar a obra Erté (1892-1990), em *O óbvio e obtuso* (1990), afirma que as mulheres-letra do artista atua sobre a memória a partir do corpo feminino.

A coletânea de poemas *Sagração do alfabeto*, de Leonor Scliar-Cabral, publicado em 2009, e *A verdadeira história do alfabeto e alguns verbetes de um dicionário*, de Noemi Jaffe, publicado em 2012, se inscrevem em uma tradição de escritores e artistas que veem, nas letras do alfabeto, consideradas em sua mínima potência, as grandezas do múltiplo.

Scliar-Cabral extrai do alfabeto hebraico inúmeras reverberações líricas, transformando letra em poesia e dedica o livro “aos artesãos anônimos que, no Monte Sinai, efetuaram a façanha de unir um hieróglifo ao som inicial de uma palavra, na escrita acronímica, primeiro passo para a futura escrita alfabética.” (SCLIAR-CABRAL, 2009, p. 11). Os vinte e dois poemas que compõem o livro retomam, segundo Moacyr Scliar, o simbolismo histórico da letra, o que pode ser vislumbrado desde o título. O termo “sagração” significa, dentre outras acepções, “atribuir a alguma coisa um caráter sagrado” (HOUAISS, 2001), podendo ser, também, cerimônia religiosa. A poeta escande, desse modo, o sentido unívoco da letra e o amplia a partir de suas múltiplas ressignificações.

Com uma edição plurilíngue, em português, espanhol, francês, hebraico e inglês, e ilustrada por Rodrigo de Haro, cada poema de *Sagração do alfabeto* tem como título o nome das letras hebraicas (“Alef”, “Bet”, “Guímel”). Os textos registram, poeticamente, a construção fabulatória da passagem da oralidade para a escrita. No poema “Alef”, por exemplo, o sujeito poético faz migrar do traço arcaico e esquemático da letra, sua multiplicidade:

Com ímpeto os chifres rompem ígneos
os enigmas do tempo enquanto o escriba

sobre o papiro virgem reaviva
do fundo da memória os vaticínios:

Carregarás na areia teus desígnios
para que a voz divina sobreviva
além do mar rompido à deriva,
cravando a ferro e fogo teus domínios.

Ao som inaugural de uma palavra
Imprimirás a letra como um selo.
A parte evoca o todo e o elo lavra

as frases e a história com que narras
como D'us te exortou em seu apelo
de fixares eternas as amarras. (SCLIAR-CABRAL, 2009, p. 15).

Se a representação arcaica da letra Alef se originou da cabeça de um touro, a imagem dos chifres presente nos versos iniciais aponta os enigmas da criação, o escritor/escriva às voltas com o papiro/papel e uma das funções fundamentais da escrita, a memória.

O texto literário, desse modo, pode ser conformado a partir de, no mínimo, duas perspectivas: por um lado, a sugestão de uma conjectural origem religiosa ou sagrada das letras, que envolve a criação mítica e mística do mundo, portanto, da escrita; por outro, a partir da reinvenção, em poesia e prosa, como uma metáfora literatura.

Nesse sentido, conforme aponta Lyslei Nascimento, “as vinte e duas letras do alfabeto hebraico não são consideradas apenas como um sistema utilitário que possibilita a comunicação, mas uma fonte de energia cujo valor intrínseco não poderia ser traduzido por terminologias humanas”. (NASCIMENTO, 2008, p. 1). Essa fonte de energia do alfabeto pode ser traduzida, portanto, como a polissemia, que se manifesta em dimensões numérica, filológica, semântica e, também, em uma perspectiva gráfica. O alfabeto se configura, assim, na literatura, como um signo duplo: seja como parte da produção textual, a partir da materialidade da palavra impressa, seja enquanto tema por meio da escansão da história e do potencial narrativa e poético das letras como mote para o fazer literário.

Essa expansão do alfabeto e das letras para além de sua denotação é, também, estratégia literária de Noemi Jaffe em *A verdadeira história do alfabeto e alguns verbetes*

de um dicionário. Nesse livro, a escritora propõe para cada letra do alfabeto latino uma rede de conexões em que etimologia e genealogia – recriadas e reinventadas – burlam a ordem e a imaginada história do alfabeto. Com ironia, desde o título, a verdade é posta em xeque. Narrar a verdadeira história do alfabeto, para a escritora, é, assim, explorar as inúmeras possibilidades de o texto não se estruturar sobre a falácia da verdade. Também é colocado sob suspeita o compêndio ou a organização dessas histórias em forma de dicionário.

As célebres lições do mestre Carlos Drummond de Andrade podem, assim, ser vislumbradas no exercício poético de Jaffe: “penetre surdamente no reino das palavras, elide sujeito e objeto, chegue mais perto e contemple as palavras: ei-las, impregnadas de múltiplos sentidos, em estado de dicionário”. O estado de dicionário da poesia – que adensa forma e sentido – é, pois, recriação da palavra em sua condição de milimétrica e alfabética economia (NASCIMENTO, 2005).

Epicuro, por exemplo, teria criado a letra A, para átomos, diante do desejo que estes sentiam uns pelos outros. Johann Sebastian Bach, em contrapartida, teria inventado a letra B, para bemol, o sinal posto antes de uma nota para indicar que devemos baixá-la meio tempo, como evidencia o narrador:

O problema foi que Bach percebeu que umas das notas de uma frase musical da cantata teimava em não se completar. Sempre que ele começava a tocar a frase que martelava em sua cabeça, o órgão se recusava a soar aquela nota. Ele a tocava, mas de alguma forma misteriosa, o som emitido era diferente. Da mesma maneira, a própria concepção da frase em sua imaginação e a correspondência mental da melodia estacavam exatamente naquela nota. Tratava-se de um si bemol. (JAFFE, 2012, p. 9)

No verbete dedicado a letra C, uma lista de palavras que com essa letra são iniciadas dão o tom da narrativa: coroa, cobra, canários, cachorros, cachimbo, fazendo proliferar a letra em sua polissemia. De A a Z, então, Jaffe recria, ficcionalmente, histórias, lendas e mitos sobre as letras do alfabeto.

Em “O espírito da letra”, Barthes (1990) afirma que

as vinte e seis letras de nosso alfabeto animadas, como diz Massin, por centenas de artistas ao longo do século, entraram em relação metafórica

com algo mais além da letra: animais (pássaros, peixes, cobras, coelhos, por vezes, uns sendo devorados por outros formar um D, um E, um K, um L etc), homens (silhuetas, membros, posturas, monstros, vegetais (flores, folhas, troncos), instrumentos (tesouras, foices, óculos, tripé etc.): todo um catálogo dos produtos naturais e humanos vem duplicar a curta lista do alfabeto: o mundo inteiro incorpora-se à letra, a letra torna-se imagem na tela do mundo. (BARTHES, 1990, p. 94.)

Esse “algo mais além da letra”, tanto em Scliar-Cabral quanto em Jaffe, como uma metáfora da literatura ou da própria escrita, carrega, potencialmente, a representação do universo, ou como queria Barthes, a letra “torna-se a imagem na tela do mundo”, portanto, objetos narráveis a partir de novas combinações.

De acordo com Italo Calvino, o alfabeto trata de um “sistema combinatório” que oferece algumas condições de dar conta da multiplicidade do mundo (CALVINO, 2007, p. 92). Assim, ao “combinar e ordenar bem esta e aquela vogal com essas e aquelas outras consoantes” (CALVINO, 2007, p. 92) ao inventar etimologias, significados, sentidos e genealogias, Leonor Scliar-Cabral e Noemi Jaffe recriam o verbo, a palavra em sua vitalidade criadora e criativa, reinventam possibilidades de transformar “respostas muito verdadeiras” em inúmeras dúvidas necessárias e daí extrair a matéria narrável de todas as artes. (CALVINO, 2007, p. 92)

Referências

BARTHES, Roland. O espírito da letra. In: _____. *O óbvio e o obtuso*: ensaios críticos III. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 93-96.

CALVINO, Italo. O livro da natureza em Galileu. In: _____. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 90-97.

EISENBERG, Josy; STEINSALTZ, Adin. *O alfabeto sagrado*: e Deus criou a letra. Trad. Sybil Safdie Douek. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRIEIRO, Eduardo. A letra é sagrada. In: _____. *Os livros, nossos amigos*. Brasília: Senado Federal, 2007. p. 185-186.

JAFFE, Noemi. *A verdadeira história do alfabeto e alguns verbetes de um dicionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NASCIMENTO, Lyslei. O Aleph, Beatriz e a Cabala em Jorge Luis Borges. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 2, n. 3. out. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/viewFile/1633/1720>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

NASCIMENTO, Lyslei. Dicionário em estado de poesia. *Jornal de Poesia*, 8 jun. 2005. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/lyslei1.html>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

SAGRAÇÃO. In: HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Sagração do alfabeto*. São Paulo: Scortecci, 2009.

VALERY, Paul. *Alfabeto*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.